

A batalha dos gorilas

A África do Sul e a República de Camarões travam uma guerra diplomática pela posse de quatro gorilas capturados nas florestas camaronenses em 2001. Os primatas, da subespécie de gorilas que habita as planícies africanas, foram levados ainda bebês para a vizinha Nigéria e depois vendidos para a Malásia. Esse tipo de comércio é proibido pela Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Flora e da Fauna Selvagens (Cites), mas contrabandistas forjaram documentos para dar lastro à transação. Quando a fraude foi descoberta, a Malásia concordou em mandar os gorilas para onde a Cites determinasse. Decidiu-se que eles iriam para o zoológico de Pretória, na África do Sul, que os reivindicava. A justificativa é que os ani-

mais não estariam seguros em seu hábitat natural, onde são vítimas do desmatamento, do comércio de carne de gorila e dos surtos do vírus ebola. O governo camaronense garante que eles ficariam a salvo num santuário de primatas. E acusa a África do Sul de aproveitar-se da situação para obter animais cobiçadíssimos por zoológicos. Em abril, quarenta primatologistas, liderados pela célebre pesquisadora Jane Goodall, divulgaram um documento afirmando que o santuário em Camarões é o destino ideal. Enquanto isso, as autoridades sul-africanas vão ganhando tempo. Já disseram que a devolução seria coordenada por uma comissão de especialistas, que jamais foi formada.

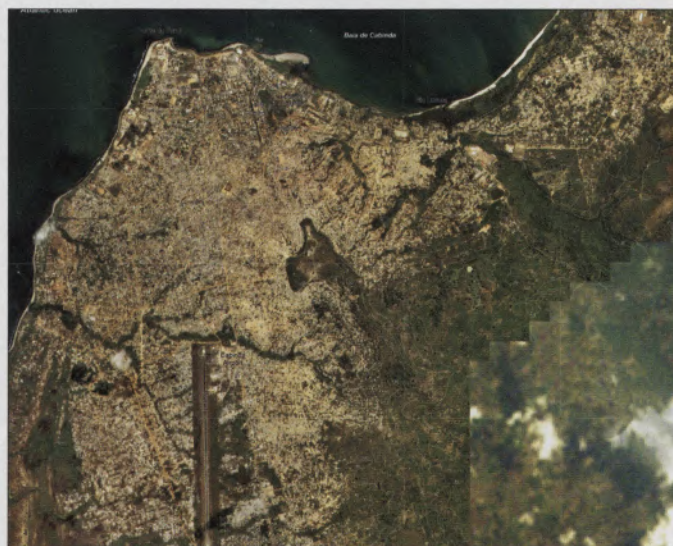
O destino dos primatas é alvo de disputa entre África do Sul e Camarões



DIVULGAÇÃO

■ No rastro da epidemia

Em Angola, técnicos da Organização Mundial da Saúde (OMS) rastreiam focos dos surtos do letal vírus marburg orientados por mapas de alta resolução produzidos pela Agência Espacial Européia (ESA). A moléstia produz hemorragias internas em humanos semelhantes às do vírus ebola, com um período de incubação de cinco a nove dias. Um dos últimos surtos eclodiu na capital Luanda no começo de abril. Acabou con-



Cabinda, em Angola: imagem ajuda a enfrentar o vírus

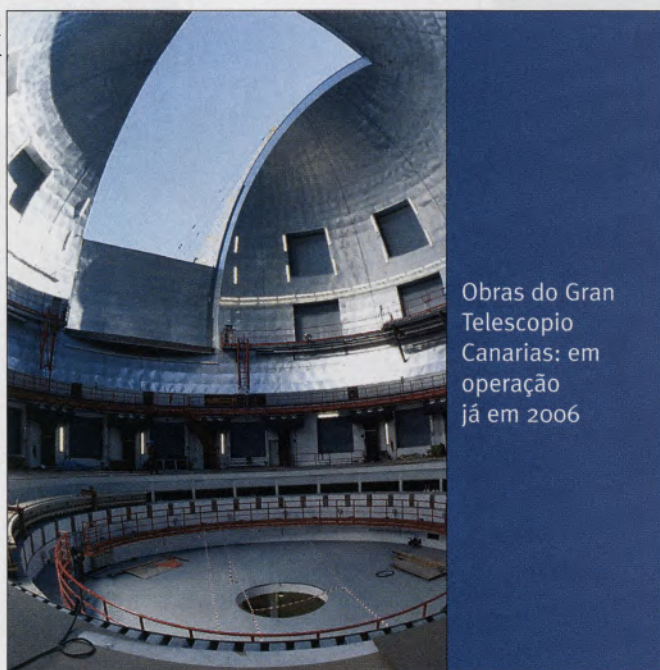
ESA/DIAR/RESPOND

trolado, mas custou a vida de mais de 255 pessoas, muitas delas crianças. Os mapas, que mostram as cidades de Uige, Luanda e Cabinda, foram feitos com o cruzamento de fotos colhidas pelos satélites Spot 5 e Ikonos. Resultam de dois programas que existem na ESA. Um deles busca abastecer epidemiologistas com dados capazes de estabelecer ligações entre ambiente e doenças. O segundo é um consórcio dedicado a fornecer dados georreferenciados a organizações humanitárias. (*Esa News*, 10 de maio)

■ As razões do salto espanhol

Na década de 1960 a Espanha contava com apenas quatro pesquisadores na área de astronomia. Hoje o país congrega 400 cientistas e é referência internacional neste campo do conhecimento. O salto espanhol foi articulado por um homem, o astrônomo Francisco Sánchez, diretor do Instituto de Astrofísica das Canárias, função que ocupa desde 1975. Coube a ele estabelecer as regras que franquearam a outros países sítios para a construção de telescópios no pico vulcânico de Roque de Los Muchachos, em La Palma, uma das ilhas Canárias, lugar privilegiado para observações a 2,4 mil metros de altitude. Hoje já se contam 14 telescópios nas montanhas, domos cintilantes de onde, freqüentemente,

DIVULGAÇÃO/ETC



Obras do Gran Telescopio Canarias: em operação já em 2006

mal se enxerga o oceano Atlântico – as nuvens se formam 1 quilômetro abaixo, formando um cobertor branco perturbado apenas pelos outros picos vulcânicos da vi-

zinhança. Pelas regras arquitetadas por Sánchez, 20% do tempo de observação foi reservado para astrônomos espanhóis, assim como os 19 países que ergueram os teles-

cópios são obrigados a bancar a formação no exterior de pós-doutores espanhóis. Isso foi crucial para ajudar a astronomia espanhola a crescer tão rapidamente. Agora a Espanha prepara um novo salto. Está construindo na região o Gran Telescopio Canarias (GTC), o maior telescópio óptico do mundo que, espera-se, terá grande impacto na produção científica do país. Com espelho de 10,4 metros de diâmetro, vai tomar a liderança dos dois telescópios Keck, no Havaí, cujos espelhos têm 10 metros de diâmetro. Assim como os Keck, o GTC usará técnicas ópticas adaptativas para compensar a turbulência do ar. Os espanhóis terão direito a 90% do tempo de observação do GTC. O telescópio deve ficar pronto ainda neste ano e começará a operar até o final de 2006. (*Nature*, 12 de maio) •

A longa jornada europeia

O astronauta alemão Thomas Reiter, de 46 anos, será o primeiro europeu a participar de uma missão de longa duração na Estação Espacial Internacional (ISS, na sigla em inglês), laboratório instalado numa órbita a 400 quilômetros da Terra. Ele deverá chegar à ISS em julho e retornar apenas em fevereiro de 2006. Um astronauta russo e outro norte-americano também comporão a tripulação. Até hoje a participação da Agência Espacial Europeia (ESA) no projeto da ISS havia rendido apenas visitas rápidas de seus astronautas à estação, como a do italiano Roberto Vittori,



Reiter: experiência

que passou dez dias no espaço em abril. Reiter foi o escolhido porque tinha mais experiência. Uma década atrás passou 179 dias em órbita, a bordo da hoje extin-



Vittori: vôo rápido

ta estação russa MIR, quando teve a chance de realizar 40 experiências científicas encomendadas pela ESA e fazer dois passeios no espaço. A escalação de Reiter

coincide com o aumento da participação da ESA na estação. Em 2006 partirão da agência europeia duas grandes contribuições para o projeto: os lançamentos do laboratório de experiências científicas Columbus, que vai acoplar-se à ISS, e o vôo inaugural da Jules Verne, nave não tripulada que levará suprimentos à estação. “É natural que os europeus assumam mais responsabilidades operacionais do programa e, assim, ganhem mais experiência”, disse Reiter. O francês Léopold Eyharts está escalado para substituir Reiter se algum imprevisto ocorrer. (*BBC*, 28 de abril) •

O novo fôlego da poliomielite

Dezesseis países considerados livres da poliomielite, a maioria no mundo muçulmano, voltaram a registrar casos da doença nos últimos dois anos. Atribui-se a culpa ao boicote à vacina promovido por razões religiosas na Nigéria, em 2003. Clérigos islâmicos do país sustentam que as campanhas de vacinação fazem parte de um plano norte-americano para tornar os nigerianos inférteis ou contaminarem-nos com o vírus HIV. O surto mais recente foi registrado no Iêmen, que não via casos da moléstia desde 1999. Mais de 80 casos foram diagnosticados. As crianças iemenitas haviam sido vacinadas, mas não repetiram a dose o número de vezes necessário. Avalia-se que o vírus possa ter sido trazido por peregrinos que estiveram em Meca – a Arábia Saudita ainda não conseguiu controlar a



Criança com pólio: uma cena que volta a aparecer

doença. A situação é mais preocupante na Nigéria (54 casos nos últimos doze meses), no Sudão (24 casos) e no Paquistão (8 casos). A Índia, que ficou dez anos livre da doença, também voltou a registrar um caso, da mesma cepa do vírus da Arábia Saudita. A Organização Mundial da Saúde tenta reagir com programas de vacinação em massa. (BBC, 18 de maio)

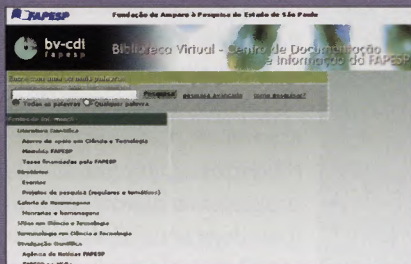
■ A diáspora argentina

A Argentina é o país latino-americano que ostenta a maior proporção de cientistas que migram para os Estados Unidos, segundo estudo da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal). A cada mil argentinos que se mudam para os Estados Unidos, 191 são profissionais qua-

lificados, cientistas ou técnicos. “Os números fazem parte de um estudo sobre a mobilidade internacional de talentos. Queremos estudar o movimento dos trabalhadores qualificados em torno dos distintos países do mundo, sejam cientistas, técnicos, executivos de empresas ou artistas”, disse Andrés Solimano, economista da Cepal. Ele adverte que os países da América Latina gastam muito para capacitar os cientistas, mas a falta de dinheiro e de estímulo à pesquisa afugenta os melhores talentos e põe o investimento a perder. Há dois anos, o secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação da Argentina lançou o Programa Raíces para se aproximar de pesquisadores argentinos que trabalham no exterior. O Centro de Estudantes e Graduados Argentinos nos Estados Unidos também deu início ao Projeto Diáspora com o mesmo objetivo. (SciDev.Net, 10 de maio)

Ciência na web

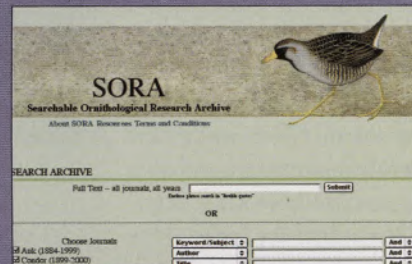
Envie sua sugestão de *site* científico para cienweb@trieste.fapesp.br



<http://fapesp.bvs.br/>
A Biblioteca Virtual do Centro de Documentação e Informação da FAPESP reúne fontes sobre ciência e tecnologia.



<http://www.africancrops.net/>
O *site*, mantido pela Fundação Rockefeller, reúne dados acerca dos desafios da África na agricultura e na biotecnologia.



<http://elibrary.unm.edu/sora/index.php>
A biblioteca virtual compila mais de cem anos de edições de publicações na área de ornitologia.